



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

EDNEUDA AMANCIO BENEVIDES ALAMAR FILHA

**A Novena de Terno entre o sagrado e o profano: práticas
culturais no Sítio Verdes entre 1981-2011**

**CAMPINA GRANDE – PB
2011**

EDNEUDA AMANCIO BENEVIDES ALAMAR FILHA

A Novena de Terno entre o sagrado e o profano: práticas culturais no Sítio Verdes entre 1981-2011

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **Licenciatura plena em História** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador(a): Dr. Maria do Socorro Cipriano

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

A318n Alamar Filha, Edneuda Amancio Benevides
A Novena de Terno entre o sagrado e o profano
[manuscrito]: práticas culturais no Sítio Verdes entre
1981-2011 / Edneuda Amancio Benevides Alamar Filha. –
2011.

48f. il.: color
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano,
Departamento de História”.

1. Novena de Terno 2. Prática do crer 3. Práticas
Culturais. I. Título.

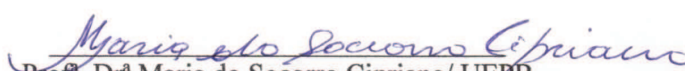
21. ed. CDD 264.7

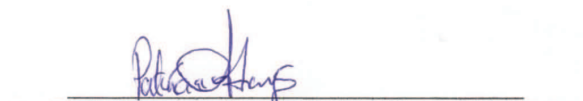
EDNEUDA AMANCIO BENEVIDES ALAMAR FILHA

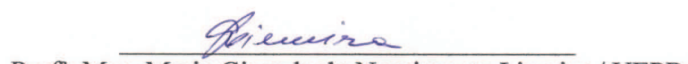
A Novena de Terno entre o sagrado e o profano: práticas culturais no Sítio Verdes entre 1981-2011

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **Licenciatura plena em História** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovada em 21/11/2011.


Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Cipriano / UEPB
Orientadora


Prof. Dr.^a Patrícia Cristina Aragão Araújo / UEPB
Examinadora


Prof.^a Msc. Maria Giseuda do Nascimento Limeira / UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado à vida e força para seguir a jornada com fé e coragem para mudar as coisa que posso modificar e sabedoria para aceitar e aprender com as que não posso.

A minha mãe Edneuda, pelo incentivo para prosseguir e alcançar os meus sonhos, pois mesmo que algumas dificuldades me fecharam as portas você, mãe sempre me mostrou um caminho. Agradeço a ela também por ter sido fonte de luz no caminho da minha educação, por estar do meu lado nos momentos em que mais precisei e por ter me ensinado a seguir a vida com humildade, respeito, honestidade e dignidade.

As minhas irmãs Ediocelane e Eumarquizey, as minhas tias Zuleide e Luziinha e a minha vovozinha Luzia, meus profundos reconhecimento pelo companheirismo, estímulo e principalmente por incentivarem o espírito de luta que fez com que meus propósitos fossem mais fortes que os meus obstáculos.

Aos meus familiares que durante todos os instantes foram presentes firme e forte no liminar da caminhada.

Aos amigos Francisco de Assis, Joselio, Cássia, Tiego, Ivã, Willian, Ailton, e em especial a minha prima Rosineide, agradeço a amizade e o incentivo.

Aos colegas, ou melhor, aos amigos que fiz durante a jornada acadêmica, aos que compartilharam comigo os momentos prazerosos e os momentos difíceis, mas valeu a pena os sacrifícios percorridos e os desafios superados. Em especial a Tiago, Yara, Elisangela e Karliana, que juntos compartilhamos as alegrias e sobrepujamos dificuldades, a vocês todo o meu carinho, gratidão e a certeza de que estarão sempre em meu coração.

A todos os professores pela disposição, tolerância, contribuição, e por serem além de tudo amigos e em especial à professora Patrícia.

A minha orientadora Maria do Socorro Cipriano por toda a paciência e dedicação.

A todos que acreditam que a educação é o meio pelo qual poderá surgir mudanças na sociedade. Meus reconhecimentos a instituição “UEPB”.

Muito obrigada

Edneuda

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho á Deus por te me iluminado e servido de fortaleza durante a jornada, sendo fundamental para que eu alcançasse meu sonho e atingisse meu objetivo, que hoje se torna realidade. “Você se fez presente em todos os momentos firmes e trêmulos. E passo a passo pude sentir a sua mão na minha, transmitindo-me a segurança necessária para enfrentar meu caminho e seguir. A sua presença é qualquer coisa como a luz e a vida, e sinto que, em meu gesto, existe o seu gesto e em minha voz, a sua voz” (Vinícius de Moraes).

A minha mãe Edneuda, pois você deixou seus sonhos para que eu sonhasse. Derramou lágrimas para que eu fosse feliz. Você perdeu noites de sonhos para que eu dormisse tranquila. Sempre acreditou em mim apesar de minhas imperfeições. Você me deu o mais belo, a vida.

Aqueles que estiveram comigo me incentivando e contribuíram para a execução deste trabalho lhes dedico este mérito. A todos os professores do curso.

Cada passo da minha caminhada dedico a vocês.

In Memória

Do meu avô Anacleto Amancio

Único pai que conheci, pela sua ausência e saudade.

EPIGRAFE

Pedras no Caminho

Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes,
Mas não esqueço de que minha vida
É a maior empresa do mundo...
É que posso evitar que ela vá à falência.
Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver
Apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise.
Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e
Se tornar um autor da própria história...
É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar
Um oásis no recôndito da sua alma...
É agradecer a Deus a cada manhã pelo milagre da vida.
Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos.
É saber falar de si mesmo.
É ter coragem para ouvir um “Não”!!!
É ter segurança para receber uma crítica,
Mesmo que injusta...
Pedras no caminho?
Guardo todas, um dia vou construir um castelo...

(Fernando Pessoa – grifo meu)

A Novena de Terno entre o sagrado e o profano: práticas culturais no Sítio Verdes entre 1981-2011

ALAMAR FILHA, Edneuda Amancio Benevides. ¹

RESUMO

Este trabalho pretende discutir as práticas do *crer* na Novena de Terno, na comunidade do Sítio Verdes, localizada na cidade de Queimadas (PB), no período de 1981 a 2011, para problematizar, abordaremos as seguintes questões: refletir essa novena no âmbito das práticas culturais, no intuito de compreender como os fiéis vivenciam essa crença no cotidiano; como elaboram suas redes de crença; como articulam as práticas do *crer* a outras formas de sobrevivência, à medida que os “milagres” alcançados estão associados aos desejos terrenos.

PALAVRAS-CHAVE: Prática do *crer*. Novena de Terno. Práticas Culturais.

¹Graduanda da UEPB.neudinha11@hotmail.com

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Oxossi, “Cultura Religiosa Candomblé & Umbanda”. (Prof. Ismar Dias de Matos).....38
- Figura 2:** São Sebastião, livro “Todos os Santos”.....38

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO: Trajetória da pesquisa.....	10
CAPÍTULO I - Entre o sagrado e o profano: história e memória das novenas de terno.....	15
2.1- A Novena de Terno.....	16
2.2 - O Dia da Novena de Terno.....	19
2.3 – Rituais da Novena de Terno do Sítio Verdes.....	26
CAPÍTULO II - Sincretismo: entre Santos e Orixás.....	33
3.1 – Sincretismo: Deus nos acuda com a ajuda dos santos e orixás.....	34
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
5-ABSTRACT.....	43
6– REFERÊNCIAS	44

Introdução: Trajetória da pesquisa

Na cidade de Queimadas existem as novenas do mês mariano, que são rezas feitas para louvar a Nossa Senhora, uma vez que o mês de maio é conhecido como o mês de Maria. As novenas acontecem em quase todas as localidades da cidade e geralmente são realizadas à noite e são rezadas por fiéis que se reúnem nas capelas, igrejas e até mesmo em suas casas para louvarem a mãe de Jesus.

É nesse contexto religioso que se insere a *Novena de Terno*. Esta é praticada na cidade de Queimadas desde a década de 20, quando ainda era um distrito de Campina Grande. Dessa forma, a novena apresenta-se como uma prática religiosa e cultural que constitui a própria história da cidade de Queimadas.

Embora as Novenas de Terno sejam praticadas desde o início do século passado, este trabalho abordará cronologicamente a Novena de Terno, do começo de sua prática no Sítio Verdes, a partir de 1981, por iniciativa de Sr. Jaime até o presente ano, após a realização do evento em janeiro de 2011. Ela aparece enquanto uma representação da religiosidade popular queimadense, representação esta que para o fiel significa uma relação de *negociação* com o santo de sua devoção. Através de suas promessas, os devotos recorrem aos santos para superar suas necessidades e dificuldades cotidianas, e como forma de compensação e gratidão, retribuem ao santo com rezas, festejos e louvores.

Em conformidade com a tradição religiosa cristã, esta prática novenária pode ser explicada também por uma passagem bíblica, uma vez que, no início do Livro de Atos dos Apóstolos (At. 1,1-11 e At. 2,1-4,), é descrita a história de que, ao se passar quarenta dias depois da sua morte até o momento de sua ressurreição, Jesus subiu aos céus prometendo aos seus discípulos que enviaria o Espírito Santo, que lhes foi comunicado no dia de Pentecostes (CATÃO, 2010).

²desde o principio até o dia em que, depois de ter dado pelo Espírito Santo suas instruções aos apóstolos que escolhera, foi arrebatado (ao céu), foi levado para o céu.³É a eles que se manifestou vivo depois de sua paixão, com muitas provas, aparecendo-lhes durante quarenta dias e

falando das coisas do Reino de Deus. (ATO DOS APÓSTOLOS, 1-2, 3).

Entre a ascensão de Jesus ao céu e a descida do Espírito Santo, passaram-se nove dias. Tempo esse que a comunidade cristã ficou reunida junto de Maria, de algumas mulheres e dos apóstolos. Foi a primeira novena cristã. (CATÃO, 2010). De acordo com a devota Dona Beatriz, professora aposentada de noventa anos moradora do Sítio Catolé - também município de Queimadas, a novena representa a passagem bíblica, que trata da ascensão de Jesus ao céu e da descida do Espírito Santo, entre os quais se passaram nove dias, e durante esse período a comunidade cristã e algumas mulheres ficaram reunidas a rezar diante de Maria.

As práticas populares dos festejos religiosos no município de Queimadas, denominadas Novenas de Terno, constituem um aspecto cultural significativo que atualmente é acompanhado principalmente pelos órgãos institucionais do município. Mas, enquanto abordagem histórica, o tema carece de um olhar acadêmico mais aprofundado. O estudo sobre a Novenas de Terno do Sítio Verdes pode contribuir com a problematização acerca das práticas religiosas populares a partir do *ato* de crer e sua convivência com a religião oficial. Pensar a produção de uma tradição cultural e religiosa desses devotos também pode ajudar na compreensão da cultura afro-ameríndio-descendente no estado da Paraíba.

Tendo em vista esses aspectos, a produção de uma tradição cultural e religiosa dos fiéis, trabalharemos com os relatos de memória dos participantes da novena de terno, como elemento importante na construção da identidade de um grupo¹.

O motivo que me conduziu à escolha desta temática, no primeiro momento, é que desde minha infância frequentei as Novenas de Terno. Como historiadora o tema me

¹ De acordo com Stuart Hall a identidade passa por um processo de construção que nunca está totalmente completo, pois está constante e continuo modificações, portanto não é algo pronto é acabado estando sempre “em processo”. Desta forma a identidade não é uma essência humana construída a partir do reconhecimento de alguma origem em comum, ou características que são partilhadas da por um grupo de pessoas, mas para o autor a identidade envolve um trabalho discursivo e simbólico. (HALL, 2000, p.106)

despertou interesse por ser essa uma festa religiosa tradicional no município, no caso da referida Novena de São Sebastião que acontece no Sítio Verdes e que passa ao largo da historiografia local.

A partir desse olhar mais pontual de historiadora, alguns questionamentos sobre essas Novenas podem ser apontados: a fé que se misturava aos aspectos profanos; o papel que essas Novenas representam para a identidade dos fiéis, e como as novenas se configuraram historicamente numa tradição para os moradores do Sítio Verdes.

Para viabilizar a elaboração deste trabalho, além da historiografia referente ao tema, inicialmente realizei um levantamento das fontes disponíveis: as **entrevistas**, os **Jornais da Secretaria de Cultura “Fala comunidade”**, que coloca em destaque a dança do Coco de Roda dentro das novenas de terno e os **jornais da paróquia do município**, que serviram de referência para o estudo das festas religiosas no município. Embora o tema não disponha de uma ampla historiografia, o livro **Queimadas seu povo sua terra** (2010), de Antônio Carlos Ferreira Lopes, serviu como um apoio para análise, ao fornecer aspectos importantes sobre a história do município de Queimadas.

Metodologicamente, alguns referenciais tornaram-se importantes para pensar o tema, mas especialmente Michel de Certeau que, ao diferenciar a “crença” do “ato crer”, nos possibilitou entender as Novenas de Terno enquanto expressões de fé, enquanto práticas religiosas que extrapolam o âmbito da religiosidade formal, criando assim outros espaços possíveis de sobrevivência religiosa. Mas como acessar essas maneiras de crer?

Uma escolha importante para a realização dessa pesquisa foi a opção pela fonte oral. Foram realizadas cinco entrevistas feitas com as seguintes pessoas: Sr. Jaime, Dona Josefa de Braz, Dona Maria Madalena, Sr. Dão e Dona Beatriz. A opção pelas narrativas orais, no entanto, não pode ser entendida aqui como uma maneira de “resgatar” uma memória mais “verdadeira” ou mais “original” dos seus devotos, mas no sentido de perceber as visões dos entrevistados acerca das suas próprias experiências na história, na qual indivíduos interagem com o grupo social do qual fazem parte, constituindo também uma memória coletiva. A utilização da oralidade como fonte história, pode ajudar a refletir sobre a

memória e formação da identidade de um grupo, como enfatiza Vereno Alberti:

A história oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial ao grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de negociação e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência- isto é de identidade. (2005. p. 167).

Por meio das fontes orais percebem-se as disputas em torno das memórias que prevalecerão em dado grupo. Dessa forma, as entrevistas foram realizadas no sentido de entender a construção de suas experiências religiosas e como eles as organizam e as articulam a todo um universo simbólico vivenciado no cotidiano.

As Perguntas abordaram temas variados, mas o eixo central das entrevistas remetia à maneira de como essas pessoas explicavam essa tradição religiosa. Dessa forma, os entrevistados tinham a liberdade para falar sobre suas vidas, seus desejos, suas graças alcançadas.

Esta monografia está organizada em dois capítulos. O primeiro *Entre o sagrado e o profano: história e memória das novenas de terno encontra-se dividido em dois tópicos: 1 - O dia da Novena de Terno; 2- Rituais da Novena de Terno do Sítio Verdes*. Nesse capítulo discute-se enunciação do sagrado e a memória religiosa dentro da Novena de Terno de São Sebastião realizada no sítio Verdes. O ato de crê como uma prática incorporada ao cotidiano dos devotos que participam da novena. Os milagres que integram a superação de necessidades terrenas através de um plano divino. Geralmente adquiridos mediante a fé e a promessa, sendo essa uma espécie de negociação entre devoto e santo. A Novena de Terno como herança do catolicismo colonial, sendo uma prática de religiosidade popular, que abarca os espaços domésticos, que apresenta todo um ritual e simbolismo religioso. Entendendo como sagrado e o profano se entrelaçam no espaço do religioso.

O segundo capítulo *Sincretismo: entre Santos e Orixás* apresenta apenas um tópico: **1 - Sincretismo: Deus nos acuda com a ajuda dos santos e orixás**. Abordando a religiosidade popular e o sentido que os fiéis de setores populares atribuem às suas práticas

de crença. Entende o sincretismo religioso através da importância dos cultos afro-brasileiros na formação da cultura brasileira fazendo uma associação entre São Sebastião, homenageado na Novena de Terno do sitio verdes e Oxossi o orixá que corresponde a ele.

Capítulo I

*Entre o sagrado e o profano: história e
memória das novenas de terno*

1.1 - A Novena de Terno

Quando os devotos falam da Novena de Terno estão exercitando uma ação coletiva, desta forma estão fornecendo elementos para a construção da memória coletiva e assim da identidade do grupo. A simbologia da Novena é construída através da memória religiosa dos fiéis, que informa e justifica suas narrativas sagradas a partir de um determinado grupo que:

A memória individual diante da memória coletiva é uma condição necessária e suficiente da recordação e do reconhecimento da lembrança? De modo algum, pois se esta primeira lembrança foi suprida, se não nos é mais possível reencontrá-la, é porque há muito tempo não fazemos parte do grupo na memória do qual ela se mantinha. (HALBWACHS, 2006. p.39)

Mas a referida novena não é uma particularidade da comunidade de Queimadas. As novenas chegam ao Brasil ainda no período colonial, trazidas pelos portugueses. Alguns rituais eram considerados obrigatórios para todos os cristãos, como: o ato de rezar precisava ser constante devendo a oração ser praticada todos os dias, pois a oração era considerada uma forma de entrar em contato com Deus, para recorrer na intercessão de suas necessidades, uma forma de demonstrar virtude espiritual, um conforto para a alma.

A primitiva igreja cristã, tal qual podemos vislumbrar nos Atos dos Apóstolos, desde seus primórdios, reuniu essas duas posturas na prática religiosa; a *contemplatio*, ou a oração pessoal, privada, e a *liturgia*, que no latim eclesiástico medieval equivalia a “culto público e o oficial instituído por uma igreja” (MOTT, 1997. p. 159)

Na colônia da América portuguesa, os atos religiosos públicos ganham oratórios particulares, tornando-se privados. Segundo o autor, através do relato do arcebispo de salvador ocorria um “desprezo” por parte da aristocracia da América portuguesa pelos

templos religiosos públicos – devido receio à mistura dos vários grupos sociais, o que causava aos grupos mais abastados um desconforto, sendo considerado por estes um lugar onde estaria repleto de tentações e visto, portanto, como um lugar impróprio para mulheres e famílias de “respeito”.

A casa era o lugar privilegiado para o exercício da religiosidade privada dos católicos, por isso dentro das casas costumava-se ter sempre imagens de santos, quadros, oratórios e amuletos que representavam a presença do sagrado espaço privado do lar. O perigo representado pelos espaços dos cerimoniais públicos era oposto à religião no âmbito do lar.

Os mais nobres e elitistas (...) construíam seus próprios locais de culto-capelas, ermida e a até igrejas no interior ou anexas as suas moradias, evitando assim o indesejado convívio com os fiéis de outra raça ou de estratos inferiores. (MOTT, 1997,p. 161

Apesar das mudanças operadas nessa tradição religiosa cristã e da variação dessa prática nos diversos estados do Brasil, elas perduram no âmbito da religiosidade popular até os dias atuais. Suas variações não são representadas apenas a partir da modificação dos seus santos, mas elas apresentam algumas características singulares que variam nas suas características, simbolismos e rituais de acordo com o espaço em que essas são realizadas (CRISPIM, 2011).

O santo também é festejado com danças e músicas; são os rituais sagrados conhecidos como congado. “Na visão dos próprios congadeiros, a congada - uma homenagem a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito - tem as suas raízes fincadas no século XVI, na África Negra de Zumbi.” Nery (2003. p2). Sendo assim, esse ritual reúne o sagrado, o profano e a miscigenação cultural de um dado povo. Para Nery, a dança conga é uma legítima manifestação do folclore brasileiro e o maior entre os ícones da religiosidade popular de Uberlândia/MG.

Acredita-se que estas danças não são, como se pensa, manifestações linearmente herdadas da África. Antes, aproveitando-se de velhas práticas africanas, os jesuítas catequistas, no século XVIII, fizeram com

que os negros as aproveitassem e as organizassem para prestar louvor aos santos e santas, particularmente São Benedito dos Homens de Cor e Nossa Senhora do Rosário. (NERY, 2003. p. 3)

Na “Novena do Terno de congado” ou, como é mais conhecida, a Festa da Congada, promovida em Uberlândia desde 1876, é típico o acontecimento de leilões e os ternos de congado que geralmente são realizados na Praça Rui Barbosa para apresentações de danças e músicas em homenagem aos santos. Logo, a Festa da Congada representa uma comemoração tradicional da cultura afro na região de Uberlândia. (CRISPIM, 2011)

Também temos as *novenas do terno*, conhecidas como “reisado” ou “festas de reis”, que apresentam também algumas características do congado:

Reisado: Auto natalino, fusão de cenas e cantos de reis com as congadas. Sincretismo também com o próprio bumba-meu-boi, que o admite como um dos seus entremeios. Seus personagens (reis, rainhas, embaixatriz, príncipe, vassalos, etc.) dançando, cantando e dialogando, apresentam os mais garridos trajés – saiotos e capas de cetim, guarda-peito e chapéu com enfeites de espelhos, vidrilhos lantejoulas, pérolas miúdas e fitas coloridas. (WIKIPÉDIA, 2011 p.1)

Dentre Terno de “reisado” ou “festas de reis” podemos citar a que acontece de dezembro até o dia 06 de janeiro em Santa Catarina. Esse evento também tem características similares à novena de terno, pois apresenta um grupo de tocadores que anunciam em versos a chegada dos reis magos visitando as casas de famílias, como coloca Nery:

Em Minas Gerais, as festas de reinado, ou reisado, começaram na antiga capital, Vila Rica, onde a Irmandade do Rosário data de 1711. Seu grande condutor foi Chico Rei. Aqui, com algumas exceções, as festas de Reinado acontecem dentro do ciclo de Nossa Senhora, que vai de 15 de agosto a 8 de dezembro, segundo a liturgia da igreja católica. A festa compõe-se de guardas ou ternos, ou ainda bandas de candomblé, moçambique, congo, catopé, caboclinho, vilão, marujo, cavaleiro de São Jorge e o Estado da Coroa. Este é constituído de reis e rainhas grandes, reis e rainhas perpétuos, reis e rainhas congos, princesas, príncipes e embaixadores. (2003. p.5)

No caso das *Novenas de Terno*, praticadas na cidade de Queimadas, os festejos religiosos são dedicados aos santos específicos em forma de “promessa”. Há um pacto de fé: essa novena é realizada quando o fiel alcança a graça pedida ao santo de sua devoção. Depois do pedido alcançado, o devoto passa a realizar a novena em sua casa durante todos os anos seguintes, geralmente essa novena é realizada sempre na data dedicada ao santo. Na Novena de Terno realizada no Sítio Verdes, objeto de nossa pesquisa, o santo homenageado é São Sebastião.

As Novenas de Terno são festejos religiosos que ocorrem em várias localidades da cidade de Queimadas. Dentre as Novenas de Terno que apresentam maior destaque na cidade, temos, além da que ocorre no Sítio Verdes, a Novena de “Nossa Senhora da Conceição”, que acontece no dia 08 de dezembro no Sítio Capoeiras; a “Novena do Menino Jesus”, também realizada no Sítio Capoeiras, no dia 26 de Dezembro.

Outra particularidade presença da “dança do coco”. Segundo a Secretaria de Cultura do município de Queimadas, há várias modalidades: *a dança do coco de roda*, do *coco furado* ou *coco mergulho*, a última é apresentada mais por homens, devido à semelhança com golpes de luta de capoeira. Essas danças foram trazidas para a cidade de Queimadas por volta da década de 20 por um “conquista” conhecido como Sr. Zé Zuca, que veio da cidade de São Vicente, estado de Pernambuco e se estabeleceu no Sítio Verdes. A partir daí essas danças e instrumentos musicais passaram a ser executados durante as novenas, surgindo, assim, as chamadas Novenas de Terno.

1.2 - O dia da Novena de Terno

Dezenove de janeiro de 2011. Dia de São Sebastião, dia de novena. A comunidade de Sítio Verdes está agitada com mais uma “Novena de Terno”. Evento sacro-religioso a que o Sr. Jaime se dedica com devoção. O devoto é um agricultor de 60 anos de idade e realiza a novena em sua casa, no Sítio Verdes. A Novena de São Sebastião, a qual existe desde 1981, segundo seu depoimento, é uma homenagem ao seu pai, que se chamava Sebastião. Segundo Sr. Jaime, São Sebastião é conhecido como o Santo enviado por Deus para livrar o povo da peste da fome e da guerra.

Segundo Milza Botelho Magele, São Sebastião foi um legendário que, devido a sua bravura, foi nomeado chefe da guarda pretoriana pelo imperador Diocleciano. Mas este, ao saber que Sebastião estava aproveitando-se da sua situação de chefe da guarda para converter à fé cristã os soldados e prisioneiros, tentou fazer com que Sebastião abdicasse de sua fé e para isso ofereceu-lhe presentes e cargos.

O Imperador, ao perceber que o soldado não aceitou suas propostas, sentiu-se traído e teria ordenado que Sebastião fosse despido e atado a uma árvore, para ser morto a flechadas. Mas o soldado consegue curar-se de suas chagas e novamente confronta-se com o seu algoz. Dessa vez, o soldado foi preso e morto, diante da população no dia 20 de janeiro de 288, em Roma. (MAGELE, 2009)

Para evitar que o corpo do general fosse alvo de veneração, ele foi atirado na “cloaca máxima”. Mas uma mulher encontrou o corpo do soldado e os cristãos enterraram-no na catacumba que teve, mais tarde, o seu nome, posteriormente suas relíquias foram transportadas para a basílica do templo do imperador Constantino.

Nessa época a cidade passava por uma terrível peste e, após a instalação das relíquias, a epidemia desapareceu. Por isso São Sebastião é conhecido como o santo padroeiro contra a peste e, em sua representação, aparece cravado por flechas e preso a uma árvore.

São Sebastião é um santo bastante conhecido em muitos municípios brasileiros. O Sr. Jaime conhece apenas parte dessa história, mas a entrelaça com sua memória familiar: a morte do seu pai. No dia da comemoração do santo, o Sr. Jaime se sente feliz e emocionado, até mesmo mais próximo de Deus e do seu pai, mas também fica ansioso e preocupado para que tudo ocorra bem durante a novena.

Segundo relatou o Sr Jaime, a tradição da novena para o santo surgiu na sua família quando seu pai, que tem o nome de Sebastião, fez uma promessa para o santo “São Sebastião”, o qual serviu de inspiração para o seu nome, e por isso lhe tinha muita devoção. A promessa era para que seu filho, SR. Jaime, ficasse curado de uma dor que sentia no joelho. Com a graça alcançada o senhor Sebastião, pai de Sr. Jaime, passou a realizar a novena para o santo prometido. Posterior ao falecimento de seu pai, o devoto Jaime conta que deu continuidade à novena antes feita pelo patriarca da família:

Comecei a realizar a novena aqui na minha casa logo depois que meu pai faleceu. Isso porque eu sempre fui muito devoto do santo, além do mais, também queria fazer uma homenagem a meu pai, que se chamava Sebastião, por esse motivo que nós sempre tivemos uma fé nesse santo, tomando-o como protetor. Outro caso importante era que meu pai já realizava a Novena de Terno para o santo devido a uma promessa feita pra que eu ficasse bom de uma dor que sentia no joelho, meu pai alcançou a graça alcançada, eu fique curado, e então meu pai passou a realizar a novena em sua casa. Depois que ele faleceu, comecei a realizar a Novena de Terno para o santo aqui em casa. Faço a novena, então, por isso e para agradecer pela fartura e pela paz em que nossa comunidade vive. Tudo isso porque o santo sempre olha por nós... muitos conseguem graças como ficar curado de doenças... na comunidade, devotos já se curaram de úlcera, deixaram certos vícios como o fumo e a bebida. (Sr. JAIME, 2010)

Sr. Jaime conta que, quando seu pai faleceu, ele continuou fazendo a novena como uma forma de continuar a promessa feita em benefício dele, de homenagear seu falecido pai e de continuar agradecendo ao santo pela graça alcançada e pela ajuda nas dificuldades da vida.

Segundo a historiadora Elisa Mariana Medeiros Nóbrega, em sua dissertação de mestrado **Retalhos de um corpo santo: a construção histórica da cruz da menina (1923-1995)**, as práticas de crenças dos devotos ocorrem como algo rotineiro, algo cotidiano, que procura demonstrar a devoção e homenagear os objetos dessa devoção. No caso da *Novena de Terno*, esses atos se apresentam pelas experiências de fé vivenciadas, sendo essa fé elaborada a partir da percepção do sagrado e, sendo assim, construção dos sujeitos como crentes.

Essa crença, por sua vez, dá-se pelo que Nóbrega afirma como um regime de verdade da santidade. Crença elaborada e reelaborada pelos fiéis, e que, através das práticas, acabam por produzir sentidos no discurso da fé e do ato de crer.

É nesse sentido que o santo atende a muitas causas difíceis, tais como a cura de doenças, a exemplo de úlceras, gastrite, dores físicas, epidemias, proteção contra os inimigos e etc. como podemos notar citadas nos clamores dentro da própria *Oração de São Sebastião*.

Na comunidade de Sítio Verdes os milagres atribuídos ao São Sebastião, de acordo

com relatos dos fiéis, são os seguintes: “arrumar emprego” e conseguir outros meios de se manter financeiramente, melhorando a situação de vida, a cura de dores físicas, deixar certos vícios como o fumo e o alcoolismo, e a cura de úlcera, entre outras doenças.

É com base nesses milagres que o santo homenageado pela Novena de Terno vem se mantendo na tradição, através dos valores e das identidades do povo do município e também como uma representação simbólica da comunidade, como lembra D. Maria Madalena, de 59 anos, agricultora, moradora do Sítio Capoeiras.

“... minha mãe era rezadeira devota, ela gostava de rezar novena, mês de maio, ela gostava de rezar tudo aí eu me criei no estilo, naquele estilo dela, ela gostava muito de rezar... eu gosto de rezar também..”
(MARIA MADALENA, 2010)

Dona Beatriz, aposentada de 90 anos de idade, ao falar da sua experiência como participante assídua das novenas, afirma que as pessoas rezam para agradecer a Deus e para que Ele e os santos iluminem as suas vidas.

Depois que se alcança a graça, reza-se enquanto viver; é a promessa. Uma forma de gratidão, de agradecimento, de acordo com Dona Beatriz. Uma promessa não pode ser quebrada, pois ela tem que ser cumprida, caso contrário pode acontecer algum “mal” à pessoa que a quebrar. Ela conta que:

Sr. Henrique era muito pobre, ele tremeu de fome; ele era um menino novo, passava por muita necessidade e, por isso, chegou a tremer de fome. Ele foi, pediu a Jesus em uma sexta-feira santa que um dia, se ele fosse muito rico, daria durante os três dias da semana santa o “jejum” ao povo pobre e pelo natal mataria um boi para dar ao povo que não tinha o que comer. Ao passar um ano, ele acertou na loteria e ficou rico com várias fazendas. Depois de vinte e três anos da promessa, chegou muita gente na fazenda, ele se aborreceu e não quis mais dar alimentos, quebrou a promessa. No ano seguinte, quando chegou o dia de cumprir com a promessa, tinha-se criado um calo seco na perna e teve que amputar as pernas, e, no outro ano, morreu (BEATRIZ, 2011).

Um milagre, de acordo com Dona Beatriz, é uma graça alcançada, um auxílio do céu numa grande necessidade. O milagre acontece quando existe algo que está fora de

alcance para o plano terreno, e se torna possível mediante uma intervenção divina². Segundo ela, essa é uma crença, uma devoção familiar que passa de mãe para filhos.

Cada devoto tem uma história sobre milagre para contar. No caso de Dona Maria Madalena, agricultora residente do Sítio Capoeiras, realiza na sua casa uma Novena de Terno feita para Nossa Senhora da Conceição. Ela conta como surgiu sua devoção relatando que realiza a novena em sua casa desde que “alcançou dois milagres em sua vida”: um que era o de construir sua casa e o outro que era de aprender a ler. Ao lado de sua residência, D. Maria Madalena construiu em capela para nossa Senhora da Conceição. Ela conta que desde o tempo de sua avó que tem devoção a essa santa, ela relata que fez a promessa para lançar as graças, de construir a sua casa e a de aprender a ler, e, depois de alcançar a graça desejada, ela faz nos dia da santa uma novena de terno. A novena de Nossa Senhora da Conceição no dia 08 de dezembro.

“... minha mãe era rezadeira devota, ela gostava de rezar novena, mês de maio, ela gostava de rezar tudo, eu me criei no estilo, naquele estilo dela, ela gostava muito de rezar... eu gosto de rezar também... então eu me apeguei com Nossa Senhora da Conceição, que é uma santa que eu gosto muito, tenho muita devoção por ela. Meu sonho era construir minha casa por que eu não tinha; então me peguei com minha Santa e prometi que se conseguisse alcançar essa graça eu ficaria fazendo uma novena pra ela. Depois eu pedi pra santa para que se eu alcançasse a graça de aprender a ler, que sempre foi meu sonho, eu sempre quis aprender a ler, eu achava aquilo lindo, até porque eu rezava os benditos, mas não sabia ler, e graças a minha Santa e a Deus eu aprendi... que eles me ajudassem. Então, como eu sempre tive vontade de construir uma capela pra nossa Senhora da Conceição, eu prometi que, se aprendesse a ler, ia construir, e graças a Deus eu consegui, então eu construí a capela e fique realizando a novena pra Santa por causa da graça alcançada, porque a Santa sempre me ajudou, ela e nosso Senhor Jesus Cristo.” (MARIA MADALENA, 2010)

Dona Maria Madalena conta que, quando a sua mãe faleceu, deixou uma casa para

² Como coloca HEMANN, as práticas religiosas estão sempre atreladas à necessidade de superação das dificuldades materiais imediatas e algumas vezes individuais e, sendo assim, a religião também apresenta um papel social uma vez que suas práticas beneficiam-se de vários campos de conhecimento, assim “Conferia-se a religião um sentido pragmático, mas, sobretudo social, na medida em que possuía o papel de reestruturar a vida do grupo através de uma reaproximação ritual com o tempo mítico das origens” (1997, p. 331).

ela de herança, porém, como seu irmão “de criação” e seus seis filhos não tinham onde morar, ela a doou para ele.

Ficando ela sem uma casa e sem condições para fazer uma outra, ela apela para seu Santo de devoção:

Meu irmão me disse: “e como você me dá a casa e fica sem nada?”, eu me peguei de frente à imagem de nossa senhora, e fiz esta promessa que foi a de rezar durante o mês de maio, e de construir a capela e fazer a novena todo ano para a santa. Depois disso, o marido que estava desempregado começou a trabalhar como servente, e fomos comprando garrotes e passando a criar animais, e com o dinheiro da venda dos animais a gente comprou o terreno, e construímos a casa. Para a capela, contei com a ajuda da comunidade, que deu os bancos, e as pessoas ajudaram a construir... aprendi a ler lendo os benditos nas rezas e em casa, aprendi sozinha... (MARIA MADALENA, 2010)

De acordo com dona Maria Madalena, o “milagre” de “aprender a ler” deu-se pelos próprios *livros de benditos e orações*, muito embora ela já soubesse rezar oralmente. Ela conta que sabia ler pouco, mas que aprendeu desta forma, e que conseguiu alcançar essa graça, “de aprender a ler e construir sua casa com ajuda da santa de sua devoção”.

O catolicismo vigente do período colonial em nosso país deixou a prática de uma espécie de religião privada, mais voltada para o âmbito do lar. Luiz Mott (1997) afirma que a casa de moradia foi *locus* privilegiado para exercício da religiosidade privada dos católicos, assim como o uso de símbolos era importante para servirem de referência à devoção, símbolos da fé cristã como: o rosário, o sinal da cruz, o ato dos devotos se ajoelharem no chão e beijarem as imagens, os oratórios, assim como as práticas de orações e louvores como: Ave Maria, o Pai-Nosso, a Salve Rainha, entre outras.

Por isso os atos que ainda permanecem nas Novenas de Terno, como o de beijar as imagens e toda essa devoção aos santos, são resquícios do catolicismo colonial que ainda predominam até nas festas religiosas.

Segundo a tradição, a Novena de Terno sempre foi realizada nos espaços domésticos, nas casas das pessoas que faziam as promessas e que alcançavam as graças pedidas, então a casa se transformava em lugar privilegiado para cumprir o prometido ao

Santo. Assim como aponta o depoimento da devota Dona Beatriz, ao se referir às novenas realizadas nos Sítios: Torrões, na casa de Plácido Veloso; no Sítio Riacho do Meio, na casa de Preta de Basto; e, no Sítio Boa Vista, na casa de Elias Tavares.

As novenas antes eram uma festa que reunia um número muito maior de pessoas, comparado com o número de pessoas que vão hoje. Como não tinha muitas festas, era comum ir muita gente para as novenas. Primeiro rezavam e depois iam se distraírem pelos terreiros, conversando, dançando coco, comendo e bebendo. Antigamente, há uns quarenta anos atrás, vinha pessoas de fora, montavam carrossel e parquinhos nas novenas. Depois que morreram as pessoas que faziam essas novenas, os que foram fazendo, por seguirem a tradição dos pais ou por terem feito promessas, foram mudando, nas novenas não têm mais parquinhos, vão menos pessoas, ficou mais diferente (BEATRIZ, 2011)

De acordo com o depoimento, percebemos que as Novenas de Terno são práticas de *promessas* que, em sua estrutura de louvores, ao mesmo tempo em que mantém aspectos de continuidade e descontinuidade, configura-se em uma tradição cultural e religiosa. Prática esta que passa de geração para geração e até hoje se mantém viva na cidade, tendo em vista que os fiéis do âmbito da religiosidade popular ainda fazem uso das novenas como forma de pagamento de promessas e louvores aos santos.

A Novena de Terno foi mudando e se resignificando com o passar dos anos. Desde a década de 20 até os dias atuais, muitas práticas que aconteciam dentro desse evento foram se modificando. Um mês antes do dia do festejo, o dono da novena saía pelas casas da vizinhança arrecadando dinheiro da “Sorte”. Hoje é diferente, a “Sorte” é tirada durante a novena, e não mais um mês antes.

Também era comum durante as novenas a realização de leilões e bingos com coisas que eram doadas pelos fiéis da comunidade, todas essas práticas serviam para a arrecadação de dinheiro usado nas despesas da festa.

As pessoas escolhidas para levar a bandeira tinham que estar vestidas impreterivelmente de roupas brancas. Era comum aos fiéis que se dirigiam à novena levarem terços e livros de orações; as senhoras usavam véus cobrindo a cabeça. Hoje isso não é mais comum, como também são poucas as senhoras e moças que sabem tirar as rezas da novena; a maioria só sabe acompanhar as orações.

O evento ultimamente vem ganhando visibilidade através da Secretaria de Cultura e da prefeitura. A Secretaria procura destacar as Novenas de Terno como um evento cultural tradicional da cidade e tem sido comum esse Órgão patrocinar bandas de pífano, roupas de dançarinos de coco de roda, carros de som para que a novena seja ouvida pelos fiéis que ficam fora da casa, filmagens e divulgação da novena através de anúncios e cartazes³.

1.3- Rituais da Novena de Terno do Sítio Verdes

Preparativos

São cinco horas da manhã quando o Sr. Jaime acorda para se preparar para mais um dia de festa. Com a ajuda de alguns vizinhos mata um boi e um carneiro, animais cevados especialmente para o evento e que serão oferecidos pelo anfitrião da festa. No cardápio, a buchada serve aos participantes mais ilustres da novena: os familiares, as autoridades do município, os tocadores e as rezadeiras.

Para tão solene festa, também a casa precisa ser preparada. Toda a família do Sr. Jaime, sua mulher Mariza e seus cinco filhos ajudam na construção de um espaço do sagrado. Ainda no começo da manhã, algumas mulheres - “comadres”, vizinhas, parentes - e a esposa de Sr. Jaime, munidas de uma “vassoura de mato” começam a varrer o terreiro. A casa é perfumada e adornada com as flores colhidas do seu quintal e, no altar preparado para o ritual, uma impecável toalha branca. Tendo em volta deste mesmo altar bandeirinhas coloridas tremulando, como se estivessem felicitando o Santo homenageado (Jaime, em 15 de agosto de 2010).

O ritual segue três momentos: uma caminhada até a casa, onde se encontra o Santo devotado; uma segunda caminhada até a casa, onde se encontra a bandeira que simboliza a bandeira de São Sebastião; e, finalmente, a realização do rito sagrado, as orações e cantos

³ As referidas imagens sobre a Novena de Terno de São Sebastião constam no DVD produzido pela própria Secretaria de Cultura e da Prefeitura de Queimadas, janeiro de 2011.

em torno do altar, os quais ocorrem na casa do Sr. Jaime.

Assim, na primeira etapa, o andor com o santo é levado por quatro homens que foram escolhidos para levar o andor de acordo com a ordem em que se prontificarem para o ato. O fato de serem quatro homens os “escolhidos” para conduzirem o andor é explicado pelo fato de a novena ser para um santo, pois se fosse uma novena dedicada a uma santa, então as escolhidas seriam quatro mulheres. Segundo os devotos, as regras desse ritual devem-se ao “respeito” devido aos santos.

As danças

A Novena de Terno apresenta aspectos da religiosidade popular herdada do período colonial, no entanto, dentro da mesma aparecem aspectos tanto sagrados como profanos, a partir das danças que ocorrem na Novena de Terno, entendemos esse sincretismo cultural⁴, uma vez que essas danças - coco de roda⁵, coco furado ou coco mergulho e a ciranda - misturam elementos da cultura afro-branco-ameríndia:

O Coco é um ritmo que vem da divisa de Alagoas com Pernambuco. O nome refere-se também à dança ao som deste ritmo. Coco significa cabeça, de onde vêm as músicas, de letras simples. Com influência africana e indígena, é uma dança de roda acompanhada de cantoria e executada em pares, fileiras ou círculos durante festas populares do litoral e do sertão nordestino. Recebe várias nomenclaturas diferentes, como *coco-de-roda*, *coco-de-embolada*, *coco-de-praia*, *coco-do-sertão*, *coco-de-umbigada*, e ainda outros o denominam com o instrumento mais característico da região em que é desenvolvido, como *coco-de-ganzá* e

⁴ A igreja católica se mantém uma postura neutra em relação a Novena de Terno, mas no jornal da paróquia divulga outras festas religiosas como a festa de Nossa Senhora da Guia (padroeira da cidade), festa de Santa Clara realizada no Sítio Olho D'água, Festa na comunidade São Pedro na Vila. Informativo da Paróquia Nossa Senhora da guia. *Ágape*. ano I, nº2 Queimadas, julho de 2010.

⁵ O coco de roda é divulgado pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Queimadas como uma expressão artística. Através da dança e seus instrumentos de origem afro, rica em cultura, valoriza a terceira idade. A dança em si faz parte das novenas católicas chamadas “de terno”. BELARMINO, Abeline. BELARMINO, José Lucas. Coco de Roda- Patrimônio de Queimada. *Fala comunidade*. Queimadas, ano I, n.5. 13 a 18 de Setembro de 2010. p. 1

coco de zambê. Cada grupo recria a dança e a transforma ao gosto da população local...a dança tem influências dos bailados indígenas dos Tupis e também dos negros, nos batuques africanos. Apresenta, a exemplo de outras danças tipicamente brasileiras, uma grande variedade de formas, sendo as mais conhecidas o *coco-de-amarração*, *coco-de-embolada*, *balamento epagode*.(GASPAR, 2011 p.1)

Então percebemos a relação sincrética como dentro de um evento religioso, que mistura o sagrado e o profano, a religiosidade popular colonial fundada nos padrões europeus e aspectos culturais de traços de danças ligadas ao afro-ameríndio.

-A bandeira e a fogueira

A origem das bandeiras retoma ao período medieval, pois as bandeiras vão aparecer no contexto das cavalaria medievais como forma de identificação para os exércitos, não é estranho que essa passou a apresentar um símbolo, no caso da Novena, um símbolo religioso, já que também era comum ordem de cavaleiros religiosos:

A cavalaria também teve sua ligação com o religioso, pois que nesse período era comum a cavalaria ser constituída pelos escudeiros, cavaleiros das ordens religiosas e dos concelhos e os cavaleiros que faziam parte da nobreza. Os monges guerreiros das ordens militares do Templo desempenharam um papel muito importante nas lutas das Cruzadas. O grão-mestre de cada ordem exercia o comando supremo destas milícias permanentes em que serviam de oficiais, os cavaleiros professos e de soldados, os servos e os lavradores das terras destas ordens monástico-militares. A origem das bandeiras também remonta à Idade Média, quando os exércitos aliados usavam um pedaço de pano hasteado num estandarte, com as cores e sinais de identificação do batalhão ou companhia envolvida, para não se confundirem uns com os outros. (JEAN, 2011 p.2)

Na novena de Terno cada santo tem a sua bandeira, mas a bandeira usada é a do Santo para o qual é feita a novena, segundo Dona Beatriz a bandeira e a fogueira

representam:

... Santa Isabel prometeu a Nossa Senhora promete a que quando seu filho nascesse ela ia levantar uma bandeira e que acendia uma fogueira avisando que seu filho tinha nascido, e quando Jesus nasceu o que serviu de aviso foi a estrela guia. (BEATRIZ, 2011)

Na Novena de Terno a fogueira e a bandeira são uma forma de simbolizar uma passagem bíblica:

Sobre as fogueiras há duas explicações para o seu uso. Os pagãos acreditavam que elas espantavam os maus espíritos. Já os católicos acreditavam que era sinal de bom presságio. Conta uma lenda católica que Isabel, prima de Maria, na noite do nascimento de João Batista, acendeu uma fogueira para avisar a novidade à prima Maria, mãe de Jesus. Por isso a tradição é acendê-las na hora da Ave Maria (às 18h). (FLÁVIO, 2011 p. 1).

E para os fiéis da comunidade esses símbolos servem também como uma forma de avisar à comunidade que ali está acontecendo uma oração. Já a bandeira fica em outra casa, que geralmente é solicitada por pessoas da comunidade para ser a casa da saída da bandeira (orgulho para quem a zela). Antes da novena, as pessoas vão buscá-la em procissão e a mesma é levá-la para a casa de Sr. Jaime.

A procissão representa, de acordo com Dona Beatriz, a caminhada que Cristo fez com a cruz nos ombros, assim os fiéis saem em caminhada seguindo a imagem que vai de andar. Na procissão as pessoas seguem a imagem cantando, algumas levam as velas e as chamadas lanternas para clarearem o caminho, em meio à procissão e disparado fogos de artifícios e a procissão é acompanhada com o toque da banda de pífano.

Então, para os fiéis, a bandeira carrega um símbolo da fé. Ao chegarem da procissão da bandeira, os devotos hasteiam a bandeira e rezam o terço na sala de casa, geralmente em um espaço pequeno, mas que apresenta toda uma devoção. Assim, a Novena de Terno é para os crédulos, além de uma forma de louvar e agradecer aos Santos, uma demonstração de fé através da música, da dança e de todo o simbolismo que envolve os rituais dessa festividade religiosa.

A chegada da bandeira e depois do santo é um sinal de que a novena será iniciada. Dentro da pequena casa, por uma questão de acomodação, permanecem apenas as rezadeiras, os tocadores, os donos da casa e alguns curiosos – alguns destes com máquinas fotográficas ou filmadoras. O restante dos devotos escuta a novena através de um carro de som que já está no terreiro desde dezessete horas, e que fora contratado pelo dono da casa.

Os cantos e as orações variam de acordo com o santo para o qual é feita a novena, e geralmente esses cantos e orações apresentam toda uma narrativa da vida santa desses, como podemos perceber:

Oração de São Sebastião

Glorioso mártir São Sebastião, valoroso padroeiro e defensor da cidade do Rio de Janeiro, vós que derramastes vosso sangue e destes vossa vida em testemunho da Fé em Nosso Senhor Jesus Cristo, alcançai-nos do mesmo Senhor, a graça de sermos vencedores dos nossos verdadeiros inimigos: o Ter, o poder e o prazer, que fazem viver sem fé, sem esperança e sem caridade. Protegei, com a vossa poderosa intercessão, os filhos desta terra. Livrai-nos de toda Epidemia Corporal, Moral e Espiritual. Fazei com que se convertam aqueles que, por querer ou sem querer, são instrumentos de infelicidade para os outros. E que o justo persevere na sua fé e propague o amor de Deus, até o triunfo final. São Sebastião, advogado contra a Epidemia, a Fome e a Guerra rogai por nós. (Livro “Todos os Santos”, p. 31)

Durante a reza se intercala uma parte de orações, outra de toque do terno e outra de benditos. Nesse momento todos estão concentrados no que simboliza toda uma demonstração de fé: Sr. Jaime está emocionado e realizado, com a sensação do dever cumprido, ou seja, sem débitos para com o santo.

Quando termina a novena, todos os devotos vão beijar os pés da imagem em ordem de duas e duas pessoas. Esse ritual é acompanhado do toque dos instrumentos, que simboliza uma tradição de agradecimento que quer dizer que estão se despedindo, mas que no ano seguinte estarão todos reunidos de novo. O ato de beijar os pés da imagem de São Sebastião é também mais uma forma de louvor e de pedir para no próximo ano estar ali

novamente.

Como parte do ritual da novena, cabe ao organizador da festa um papel de destaque nesse momento porque é ele que sai às ruas para recolher o dinheiro destinado à realização do evento. Essa prática da recolha de dinheiro é conhecida como sendo tirar a “sorte”.

A “sorte”

Como foi referida anteriormente, é depois de rezada a novena que os tocadores ficam mais animados, pois é chegada a hora de tirar a “sorte”. No momento de pedir o dízimo, os tocadores saem pelos arredores da festa e vão até as pessoas tocando e dançando muito animados e ficam com um chapéu pro lado das pessoas, como se estivessem pedido esmolas; o interessante é que só é pedido para os homens, não se pede a “sorte” às mulheres e crianças.

Pedir a “Sorte” especificamente aos homens é uma tradição que as pessoas mantêm, uma vez que inicialmente, segundo os depoentes, era considerado inconveniente pedir dinheiro às mulheres e crianças. A “Sorte” era solicitada aos homens por estes trabalharem e serem os detentores do dinheiro, diferentemente das mulheres que ficavam em casa cuidando dos filhos.

Mas atualmente algumas mulheres e crianças acabam contribuindo, por espontânea vontade, com a “Sorte”. O termo “Sorte” pode ser associado segundo Dona Beatriz:

É tirar a ”sorte” porque o povo que dava aquele dinheiro ficava com a sorte. Pra conseguir as coisas, as pessoas dão o dinheiro para terem a sorte de conseguir alguma coisa, conseguir um dinheiro para alguma necessidade, conseguir saúde, estudo. Tirar a ” sorte” é uma forma mais delicada para não chegar e dizer:” me dá esse dinheiro aqui”, ou pedir, então criaram uma forma de dizer “dá a sorte aqui”, uma forma de animar as pessoas a contribuírem, para não ficarem: “bota aqui o dinheiro”, os tocadores criaram. (BEATRIZ, 2011).

A “sorte” é, então, representada como uma forma de “proteção”, que o santo homenageado estabelece para com as pessoas que contribuem. Assim, colaborar com o dinheiro da “Sorte” seria uma forma de “dar e receber”, de trocar os cuidados do Santo. O

termo “sorte” aparece como sinônimo de felicidade, sendo que ter felicidade perpassa aqui por conseguir realizar as suas necessidades, os seus desejos. Ser feliz, portanto, está associado a ter a sorte de realizar seus ideais, seus anseios.

Não cabe ao “dono” da festa ficar com parte do dinheiro arrecadado na tirada da “sorte”, pois a “sorte” é uma forma de arrecadar dinheiro para ajudar a pagar os componentes da banda de pífano, o dinheiro é dividido igualmente entre os tocadores da banda.

No relato de Dona Beatriz, a sorte para conseguir as coisas estaria com as pessoas que contribuíram, pois o santo ficaria grato aos devotos pela contribuição, no caso, a “Sorte”, e então interviria na vida desses fiéis, ajudando-os a realizarem-se materialmente, quando referente a adquirir as coisas, espiritualmente, e fisicamente, quando referente a questões de saúde.

O dinheiro da “Sorte” se assemelha muito às oferendas concedidas pelos fiéis. No caso da novena, as pessoas doam o dinheiro como se fosse para o santo, e ao contribuírem esperam o milagre.

Os rituais que compõem a Novena seguem toda uma sequência: primeiro ocorre à procissão para buscar a bandeira, e, com a chegada da procissão ao local da Novena, a bandeira é hasteada, depois os devotos acendem a fogueira que está no terreiro da casa. Então, feito isso, os fiéis entram na casa e rezam as orações para o santo. Depois que terminam as rezas, os devotos se despedem do santo, com louvor, reverência e cantos; então vão para fora da casa. É nesse momento que é tirada a “sorte”, e depois da “sorte” os fiéis começam a dançar em volta do pau da bandeira. Essa dança se estende até o outro dia, cerca de quatro ou cinco horas da manhã. Quando acaba a dança, é tirada a bandeira; é chegado o fim da Novena.

A Novena de Terno apresenta uma característica peculiar, pois é regida por instrumentos musicais: a Banda de pífano, formada por triângulo, prato e zabumba. Além do mais, como já mencionado a Novena de Terno apresenta toda uma série de rituais, e de detalhes como: tirar a “Sorte”, procissões, hastear da bandeira, beijar a imagem do santo, orações, cânticos, e as danças que são feitas depois da novena; danças como o coco de roda, o coco furado e o coco mergulho, apresentando, assim, características sagradas e profanas.

Capítulo II

Sincretismo: entre Santos e Orixás

2.1 - Sincretismo: Deus nos acuda com a ajuda dos santos e orixás

No Brasil o estudo acerca da religiosidade apresenta um crescimento considerável desde a década de 1980, essa pesquisa sobre a religiosidade tem ganhando, mais destaque no Brasil⁶.

Martha Abreu, em seu artigo “**Religiosidade popular, problema e história**” (2002), aponta a ligação de uma cultura popular a uma religiosidade popular.

A autora não proclama a inexistência de uma forma popular de vivência religiosa, mas pretende compreender os significados que os setores populares conferem a uma determinada prática religiosa, entendendo assim o sincretismo religioso e as diversas influências e sinais de variadas origens são frequentes na chamada religiosidade popular:

Sincretismo, ao longo da história dos estudos sobre religiosidade popular também conhecida em nosso meio por afro-brasileira teve inúmeros usos e abusos. Foi vista como marca da inferioridade dos descendentes de africanos com um traço de branqueamento e, ao mesmo tempo como símbolo de resistência da opressão da Igreja Católica. Nesse último sentido, a utilização do catolicismo por parte dos descendentes de africanos seria espécie de disfarce, ou mesmo máscara para esconder suas (presenças) autênticas crenças e afastar as repressões. Em termos puramente espirituais, o sincretismo foi visto como sendo a fusão e/ou justaposição de diferentes práticas religiosas, também poderia apresentar a difícil integração entre ser africano e brasileiro, entre orixás e santos católicos. (ABREU, 2002.p.84)

Abreu nos leva a pensar o sincretismo muito além da associação formal entre santos e orixás, onde o sincretismo passa a ser visto como uma atitude nada passiva em relação à religião dominante, como uma forma de apropriação e recriação da cultura dominante, mais adequada à maneira de ser dos setores populares.

A produção popular é entendida do ponto de vista dessa autora como sendo feita por pessoas simples, pobres e negros. Essas pessoas acabam por criar uma forma própria de

⁶ O interesse dos historiadores com aspectos voltados para a credulidade fator esse que sofreu influência da aproximação da história e da antropologia: “A busca das religiosidades vividas por parte dos historiadores talvez deva muito, como ponto de partida, aos fundadores dos *Annales*. Ao Marc Bloch, de *Les Rios Thaumatourges* (1942), ou ao Lucien Febre, de *Le problème de l'incroyance* (1942), cuja preocupação com a religiosidade, ainda que eclipsada na chamada “era braudeliana”, desabrocharia plenamente com a chamada história das mentalidades francesa, sobre tudo a partir de 1970” (COUTO, 2011. p. 1).

ver, pensar, agir e transformar o seu mundo, os valores, as crenças e gestos, esses que, na maioria das vezes, eram-lhes impostos.

Dessa forma, ocorrem na cultura e na religiosidade popular uma forma de apropriação de valores, hábitos, crenças, atitudes, costumes e festas, em que a cultura e a religiosidade popular são entendidas simplesmente como um conjunto de objetos e práticas originárias dos setores populares. No entanto, Martha Abreu atenta para o uso da expressão “religiosidade popular”, pois essa poderia trazer consigo o risco de reduzir a complexidade do fenômeno religioso. Para a autora, a cultura e a religião popular não são passíveis de um conceito simples, tais como um conjunto fixo de práticas ou textos e, muito menos, aplicáveis a qualquer período histórico. Mas que servem como ponte para pensarmos o estudo da religiosidade de forma que possa:

Além de permitir o resgate ou a reconstrução da possível autonomia de pessoas comuns pensarem, agirem no mundo em que vivem os conceitos, expressões da cultura popular e religiosidade popular, mantém aberta, no meu modo de ver, a possibilidade de pensar em um campo de lutas, conflitos sociais em torno das questões culturais, já que, no mínimo, existiram culturas e práticas não populares, mesmo que definidas, neste momento em termos negativos. Desta forma, os conceitos reforçam as perspectivas culturais coletivas, como as festas religiosas, principalmente por ocasião de análise que coloquem em foco embates entre valores, comportamentos e políticas de controle (ABREU, 2002. p.85).

A partir disso, as práticas culturais, crenças, festas, valores, são aspectos que se relacionam com uma explicação social; tais práticas são construídas e reinventadas constantemente, variando de acordo com suas diferentes versões e tempos históricos. Desta forma, a *Novena de Terno* se configura como uma representação da religiosidade, da fé expressa pelos fiéis, assim como do ato de credulidade deles.

Através dos significados sociais em torno de manifestações sociais coletivas, como a festa religiosa ou a Novena de Terno, podemos iluminar um caminho voltado para a cultura e a religiosidade, pois ambas permitem a compreensão de teias históricas da autonomia de pessoas comuns pensarem e agirem no mundo em que vivem. E como coloca Abreu (2002. p.85) “Os conceitos emergem na busca de como as pessoas comuns criavam e viviam diferente dos segmentos sociais representantes do poder, os setores eruditos,

através da contextualização de tramas históricas.”

Os cultos afro-brasileiros tiveram um papel fundamental na formação cultural do nosso país, aspectos esses que influenciaram na nossa cultura, culinária, estilo de vida, e também na religiosidade. Isso graças a misturas desses diferentes grupos étnicos. Assim, de acordo com Giovanni Boaes, em seu artigo “África e Brasil: separação simbólica/social no campo das religiões afro-pessoenses”, a religiosidade ocorreu de forma mista: “Ao se reorganizarem no Brasil, portanto, as religiosidades africanas estabeleceram um diálogo entre si, com a religiosidade indígena e com o catolicismo, a que todas estavam submetidas.” Boaes (2009. p. 87)

Com o decorrer dos anos, essas práticas religiosas passaram por diferentes processos, ganharam certas especificidades que variam de acordo com o *locus* e tempo em que se situa, portanto, apresentando diversas feições. Entender esse sincretismo nos leva a pensar o período histórico em que os diferentes grupos étnicos africanos vieram para a colônia, trazendo consigo suas múltiplas práticas culturais, inclusive religiosas:

O Brasil do período Colonial escravista era uma sociedade regida pelos valores do catolicismo português, religião obrigatória para todos. Um catolicismo fortemente magicizado, com imenso aparato simbólico materializado no uso de velas, escapulários, bentinhos, medalhinhas, óleos santos, tercinhos etc., marcado pela devoção aos inúmeros santos e mártires e pela crença da interferência destes no cotidiano (Ewbank, 1979). Sob a hegemonia deste catolicismo conviviam as tradições religiosas dos vários grupos indígenas e africanos. As recorrências estruturais existentes entre as cosmovisões destes três grupos permitiram a tradução e a reinterpretação de umas pelas outras. O politeísmo africano identificou-se com o politeísmo indígena e com o culto aos santos católicos. No primeiro caso, a tradutibilidade se dava inclusive pela divinização de elementos da natureza. No segundo, as histórias dos santos se relacionavam de modo coerente com vários mitos africanos de orixás (BOAES, 2009. p. 91).

Mesmo depois da abolição dos escravos continuou predominando no Brasil uma concepção racista, com destaque para a teoria do branqueamento racial, como explica:

Apesar de que a libertação dos escravos em 1888, a ratificação da Constituição Republicana em 1889 e a separação da Igreja e do Estado em 1890 foram caracterizados pelo mesmo espírito liberal, a república

ainda proibia o Espiritismo. Esta proibição era dirigida especialmente contra as religiões afro-brasileiras, que eram denunciadas como *baixo espiritismo*. Nesta designação está implícito o preconceito social direcionado contra os membros destas religiões, que pertenciam aos setores mais baixos da sociedade brasileira (JENSEN, 2001.p.3).

No entanto, o conceito sobre o sincretismo tem elencado abastadas discussões em torno do seu real significado, como aponta:

Creio que o significado de sincretismo expresso nesses enunciados limita-se a sua tradução pejorativa e reducionista: refere-se única e exclusivamente à adoção de paralelos entre as entidades dos cultos afro-brasileiros e os santos da igreja católica. Assim, ouvem-se muitos militantes e filhos ou pais de Santo dizerem que sua religião não é sincrética porque se aboliram as imagens e as correspondências entre santo e orixá. Sabe-se que muitos deles têm recorrido a livros, cursos e internet, para recuperar elementos capazes de preencher o vazio que o decreto contra o sincretismo, obrigação quase instantânea, deixou. O sincretismo, do ponto de vista teórico tem sofrido profundas reflexões e críticas no campo das ciências sociais, mas nenhum cientista social incorreria no erro de achar que se deve desprezar completamente tal conceito. (BOAES, 2009. p.90)

Isso porque o conceito de sincretismo pode acarretar uma idéia de fraqueza da “raça” negra ou dos afrodescendentes, o qual se apresenta limitado, pejorativo e reducionista; isso quando relacionado de forma exclusiva à adoção de paralelos entre as entidades dos cultos afro-brasileiros e os santos da igreja católica.

A representação do Sagrado no cotidiano das pessoas é tecida através de seus próprios símbolos, que o representam, como também, as práticas do crer no cotidiano dos fiéis que frequentam a Novena de Terno. Muito embora essas simbologias do sagrado, tais como as narrativas de graças alcançadas, as imagens do santo, e as reverências feitas a elas, as velas, as ornamentações dos altares, as orações e os louvores, são práticas comuns a outras religiosidades, que muitas vezes são apropriadas pelos praticantes da novena.

Dentre as reverências feitas na novena, como curvar-se diante do santo e beijar seus pés, assemelham-se muito às formas de reverência das entidades, onde durante as festas, os filhos de santo, e convidados, tomam sua benção e os reverenciam.

Como já apontado, o coco de roda é uma prática que, incorporada às novenas, também compõe o ritual de oferenda para os santos. Considerando-se que “As “Novenas de Terno” misturam aspectos do catolicismo advindo do período do Brasil colônia e informações bíblicas, como já explicadas anteriormente, percebemos a relação sincrética dentro dessa festividade, uma vez que apresenta características culturais afro-branco-ameríndias.

Dentre as pessoas que organizam as novenas, uma senhora de 87 anos, chamada Severina, mais popularmente conhecida como “Severina Ferrin” relatou que o *coco de roda* do Sítio Verdes teve origem no estado de Pernambuco e que o Sr. Zé Zuca, o qual ela chama de “compadre”, foi o responsável por trazer o coco de roda para os Verdes. Com o tempo, essas danças foram incorporadas às novenas de terno.

Na novena de Terno, temos a junção da dança Coco de roda, que faz parte das práticas culturais do município, como podemos perceber no jornal *Fala comunidade* (2010, p.01)⁷. “O Coco de Roda é uma expressão artística. Através da dança e seus instrumentos de origem afro, ricos em cultura (...). A dança em si faz parte das novenas Católicas, também chamadas de ‘terno’.” Inclusive a dança Coco Furado apresenta passos semelhantes à ginga e golpes da capoeira.

Outra semelhança é no ritmo dos toques das danças que ocorrem na Novena de Terno: a forma de dançar em círculo, com movimentos que seguem a batida forte dos instrumentos, e os movimentos curvados do corpo para trás em forma de “umbigadas”, com uma contínua flexão de joelhos. Durante o Coco de Roda ou a Ciranda, tem-se a tendência de, junto com o toque dos instrumentos, cantar quadras que nada têm a ver com os cantos religiosos que são entoados durante a novena, como coloca Carneiro (2011. p. 16) “quando não é um amontoado de palavras sem sentido ou a simples utilização de quadras populares sem conexão aparente com a divindade ou com a cerimônia”

No período do Brasil colonial, era proibido praticar as religiões nativas, mas ocorreu

⁷ O jornal local de publicação semanal, distribuído para todo o município gratuitamente pela Secretaria de Cultura do Município de Queimadas. Editado pela Associação de Desenvolvimento Comunitário Antonio Muniz. Com a colaboração da Secretaria de Ministério Articulação Institucional da Cultura, o Governo do Estado e a Fundação Nacional de Arte.

que tanto os indígenas quanto os escravos conseguiram manter alguns laços com sua herança étnica, e buscaram formas de resistência para poderem se comunicar, transmitir e desenvolver sua cultura e tradições religiosas. Dentre as tradições religiosas africanas que exerceram influência nas religiões afro-brasileiras, temos como exemplo o culto aos *Orixás*.

Segundo Carneiro, muitas dessas divindades assumem nomes e identificações diversos, dependendo do lugar, da orientação do culto, da popularidade deste ou daquele santo católico ou da existência de tradições semelhantes. Oxóssi ou oxoce, também chamado *Dono*, *Rei* ou *Sultão das Matas*, pode ser São Jorge na Bahia ou São Sebastião no Rio de Janeiro.

Uma vez que o orixá que corresponde a São Sebastião (dia 20 de janeiro) é Oxóssi (MATOS, 2011), essa associação pode ser entendida entrelaçada à já citada história de São Sebastião, o qual foi vítima de flechadas no meio de uma mata. Isso explica o motivo pelo qual os negros passaram a assemelhá-lo a Oxossi, Orixá da caça e da fartura. Oxóssi é um orixá caçador, por isso é ligado às florestas e à terra virgem; devido a isso é também protetor dos animais. Representa a fartura da caça ou de uma mesa bem cheia. Dentre a característica desse orixá, destacam-se a alegria e a jovialidade, dança segurando um arco e flecha que são seu símbolo. (NINA, 2005)



Figura 1:
Oxossi, “Cultura Religiosa Candomblé & Umbanda”, Prof. Ismar Dias de Matos.



Figura 2: São Sebastião, livro “Todos os Santos”

Como já referido, para a religião africana, o orixá que representa São Sebastião é Oxóssi, o rei da caça, é associado a São Jorge e a São Sebastião. Essa relação de associação dos orixás com os santos católicos sofre mudanças de acordo com a região do país, mas também é preciso salientar que os santos católicos e divindades africanas não apresentam a mesma substancialidade, ou melhor, não são a mesma coisa.

Enquanto uma prática de religiosidade popular que entrelaça as representações coletivas e o simbolismo do sagrado, essa religiosidade apresenta uma riquíssima construção cultural, que podemos perceber na Novena de Terno de São Sebastião. Sendo essa também uma representação de toda uma tradição dos habitantes do Sítio Verdes, aparecem as práticas religiosas que são inscritas a partir da articulação entre o catolicismo popular, os ritos africanos e a religiosidade indígena.

Segundo o depoimento de Dona Beatriz, hoje as novenas reúnem um número menor de frequentadores do que há trinta anos. Isso talvez seja explicado pelo fato de atualmente existir um número maior de festas e locais de lazer do que anteriormente, tendo em vista que as maioria das festividades de décadas atrás estavam ligados aos eventos religiosos. Porém, atualmente as Novenas de Terno continuam a existir e ainda atraem fiéis, demonstrando que essa tradição religiosa ainda se mantém viva no município.

As pessoas que participam ativamente da Novena de Terno são geralmente pessoas da zona rural, pessoas muito devotas, jovens, crianças de comunidades próximas ao local da novena. Porém, de acordo com as fontes consultadas, percebe-se a participação de pessoas da zona urbana, principalmente nessas últimas décadas. A Secretaria de Cultura do município tem voltado o olhar pra esses eventos, procurando valorizá-los enquanto “tradições” do campo turístico. A *Novena de Terno*, ao ser destacada pela Prefeitura como um evento típico do município de Queimadas, recebe apoio financeiro, mas apenas para a iluminação do local e para as máquinas que limpam o espaço de terreiro onde é realizada a festa. A prefeitura também ajuda com a divulgação da novena de São Sebastião, através de cartazes colados em paredes dos locais mais frequentados da cidade e na divulgação pela rádio local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho é relevante para contribuir com o debate referente à história da cidade de Queimadas, mostrando que as Novenas de Terno de São Sebastião, realizadas no Sítio Verdes, constituem uma prática cultural e religiosa que se encontra associada ao cotidiano dos habitantes dessa localidade.

Entendemos a Novena de São Sebastião como um espaço onde sagrado e profano estão interligados, pois se apresenta como um momento de encontro de amigos e de familiares, para diversão e lazer, tanto quanto é um evento que simboliza uma espécie de negociação realizada entre os devotos e os santos. Entender como se dá esse acordo nos possibilita a compreensão do ato de crer dentro dessa festividade; ato de crença que se intercala com a busca da superação das necessidades terrenas e, para isso, os fiéis recorrem à ajuda no plano imaterial. Assim, as práticas religiosas e profanas se misturam e até se confundem dentro desse espaço.

Trabalhar essa temática é importante porque articula a novena de terno ao ato de crer dos fiéis, percebendo a novena de terno como festividade que apresenta todo um simbolismo próprio que acarreta uma tradição cultural. A importância da discussão do ato de crer é relevante para a articulação sobre o aspecto significativo que a Novena de Terno representa para os devotos. Nesse sentido, algumas questões ainda podem ser estudadas: de que modo as *novenas de terno* no município de Queimadas, ao se tornar um símbolo religioso do mesmo, são tomadas patrimônio cultural imaterial do município?

Embora este artigo não tenha contemplado tal questão, o presente estudo torna-se importante para a historiografia, ao abordar aspectos culturais da história local das Novenas de Terno no município de Queimadas. A pesquisa proporciona uma contribuição significativa para o estudo da história cultural e do religioso queimadense, sendo relevante para a abertura de futuras outras pesquisas no assunto que sejam significativas, não somente por enfatizar aspectos da história local, mas especialmente por tratar de práticas religiosas que ampliam nossa compreensão histórica sobre as múltiplas formas de crer.

Outros aspectos relevantes analisados na pesquisa é que os cidadãos queimadenses,

através da oralidade, apresentam as suas experiências dentro da Novena de Terno, notando as mudanças pelas quais a mesma vem passando com o decorrer dos anos. Percebe-se que esse evento religioso vem se mantendo presente no município, através de novas resignificações, tanto quanto no discurso dos crédulos e devotos, desencadeado pela busca humana em satisfazer os desejos terrenos por intermédio de um plano extraterreno.

Para aprofundar a pesquisa, foram de suma importância as fontes orais. Através das entrevistas colhidas, percebemos, a partir da memória dos depoentes, que esse evento é de grande importância para os fiéis da comunidade, assim como para a história do nosso município.

Como forma de satisfação pessoal, o trabalho pode responder alguns questionamentos sobre o evento, uma vez que as Novenas de Terno de São Sebastião fazem parte de minha adolescência. E, como historiadora, a temática abordada serviu para ampliar meus conhecimentos e contribuiu para registrar a história do município, ao pensar o ato de crer dentro da Novena de Terno de São Sebastião no Sítio Verdes.

ABSTRACT

This work intends to discuss the practices of the *believe* in the Suit Novena, in the Sítio Verdes county community, located in Queimadas City (PB), in the period of 1981 to 2011, in order to problematize the following questions: to reflect this novena in the context of cultural practices, trying to understand how their followers experience this faith in daily life; how they make their belief networks; how they articulate the practices of the *believe* toward others forms of survival, to extend of how achieved 'miracles' are associated to the worldly desires.

KEYWORDS: Practice of the believe. Suit Novena. Cultural Practices.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. **Religiosidade popular, problema e história.** In: Religião e história. LIMA, Lana Lage da Gama. HORONATO, Cesar Teixeira. CIRIBELLI, Maria Corrêa. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, (organizadores). Rio de Janeiro. FAPERJ: Meauad. 2002. P.83-90.

ALBERTI, Vereno. Fontes orais: história dentro da história. In: PINSKY. Carla bassanezi. **Fontes históricas.** São Paulo, contexto, 2005. P. 155-191.

ALBUQUERQUE, Maria das Neves Rodrigues. Queimadas em versos- uma cidade em desenvolvimento-. 2º edição, queimadas, PB. 2006.

ANDRADE, Luis Edgar de. Quatorze Santos de emergência
<www.objetiva.com.br/arquivos/capas/8573028114.pdf, acessado em 03/007/2010

BOAES, Giovanni. **África e Brasil: separação simbólica/social no campo das religiões afro-pessoenses.** CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais. 2009 P. 86 – 94. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n14/4%C3%81frica%20e%20Brasil.pdf>>. Acessado em 03 jul. 2011.

CARNEIRO, Edilson. **Os cultos de origem africana no Brasil.** Ministério da Educação e Cultura Biblioteca Nacional Rio de Janeiro 1959. Disponível em <<http://www.ebah.com.br/content/.../os-cultos-origem-africana-no-brasila>>. Acessado em 10 jul. /2011.

CARTIER, Roger. A história cultural: entre praticas e representações. Lisboa. DIFEL, 1990.

CATÃO, Francisco. **Série Nova devoção. Rosariopermanente.** Disponível em <<http://www.Viabol.uol.com.br/catecismo/novenashtm>>. Acessado em 10 de dez. 2010.

CERTEAU, Michel de. Maneiras de Crer. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer/Credibilidades políticas.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

COUTO, Edilene Souza. **DEVOÇÕES, FESTAS E RITOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.** In- Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/01%20Edilece%20Souza%20Couto.pdf>>. Acessado em 15n jul. 2011.

CRISPIM, Mira. **Terra Catarinense.** Disponível em<<http://www.exitoeventos.com.br/xabannerea/resumos>>. Acessado em 24 jan. 2011.

FLÁVIO, João Pr. CRISTIANO, Paulo Presb. **Estudos Gospel.** Disponível em <<http://www.estudosgospel.com.br>>. Acessado em 20 set.

FREITAS, Sônia Maria. História oral: Possibilidades e procedimentos. In: história X História Oral X Memória. 2 ed. Humanitas, São Paulo 2006. P. 39-76

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.489.

GASPAR, Lúcia. *JCoco (dança).* **Pesquisa Escolar On-Line,** Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2011.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Cidade da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá. Carlini e Caniato. 2006.p. 15-69.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina. Chagas, Mário. (orgs.). Memória e patrimônio Ensaio Contemporâneos. 2 ed. Rio de Janeiro, Lamparina, 2009. P. 25-57

HALBWACHS, Maurice. A memória individual e a memória coletiva. In: A memória coletiva; tradução de Beatriz sildou. São Paulo, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos culturais. Editora vozes, Petrópolis, 2004

HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidade. In: CARDOSA, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História: Ensaios de teorias e metodologias**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

História e religião. Lana Lage da Gama Lima, Marilda Ciribelli, Cezar Teixeira Honorato, Francisco Carlos Teixeira da Silva. Organizadores. Rio de Janeiro. FAPERJ: Mauad, 2002.p.284.

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence, **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

JEAN, Flori. **Cavalaria medieval**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cavalaria_medieval>. Acessado em 20 set. 2011.

JENSEN, Tina Gudrun. **Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da desafricanização para a reafricanização**. Revista de Estudos da Religião N° 1 pp. 1-21, 2001. Disponível em <http://www.pucsp.br/rever/rv012001/p_jensen.pdf>. Acessado em 05 jul. 2011.

LE GOFF, Jacques, História e memória. Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, Antônio Carlos Ferreira. Queimadas seu povo sua terra. 4. Ed. Queimadas-PB, 2010.

MAGELE, Nilza Batelho. Livro de ouro dos Santos. Rio de Janeiro. Sirnegia, edeouro.2009.p.194.

MATOS. Ismar Dias de. **Cultura Religiosa- Candomblé & Umbanda**. FATEC comércio FEAD. Disponível em <<http://www.ismardiasdematos.com.br/candom.ppt>>. Acessado em 05 jul. 2011.

MOTT, Luiz, *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*. In: __ **História da**

vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa. Org. Laura de Mello e Souza e Fernando Novais. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NASCIMENTO, Maria Regina do. **Religiosidade Popular: Catolicismo, Irmandades e Tradições em Movimento.** *Revista da Católica, Uberlândia*, v. 1, n. 2, p. 119-130, 2009. Disponível em <http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica>. Acessado em 17 jun. 2011.

NERY, Vanda Cunha Albieri. ELIACINO, Maryely Cornélio. FIRMINO, Faria Vanessa. **Dança Conga: o ritual sagrado de uma tradição milenar.** INTERCOM-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003. 1 Trabalho

NINA. Pedro. **O paradigma do Saber, 2005.** Disponível em <http://www.mironga.blogs.sapo.pt/1976.html>. Acessado em 05 jul. 2011.

NOBREGA. Elisa Mariana Medeiros. *Relatos de um corpo Santo. A construção histórica da cruz da menina (1923-19950.)*. Campinas, 2000.

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, PP.07-28, dezembro de 1993.

PAIVA, Eduardo França. *História e imagem*. 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2004. P.11-35.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. PEIXOTO, Maria do rosário a cunha, KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em história*. 5 ed. São Paulo. Ática, 2007.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Reisado.** Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Reisado>>. Acessado em set. 2011.

Entrevistas

Jaime, morador do Sítio Verdes, agricultor que realiza a Novena de Terno de São Sebastião. Entrevista concedida em 15/08/2010

Beatriz Tiburcio. 90 anos. Moradora do Sítio Riacho do Meio, Professora aposentada que devota frequenta as novenas de Terno. Entrevista concedida em 24/004/2011.

Josefa de Braz, moradora do Sítio Capoeiras, agricultora que realiza a Novena do Menino Jesus em sua casa. Entrevista concedida em 26/12/2010

Maria Madalena, 59 anos. Moradora do Sítio Capoeiras, agricultora realiza a Novena de Terno de Nossa Senhora da Conceição. Entrevista concedida em 15/08/2010.

Dão, morador do Sítio Catolé, agricultor que frequenta as Novenas de Terno. Entrevista concedida em 15/08/2010

Jornais

Fala comunidade. Queimadas, 2010.

Ágape: Informativo da Paróquia Nossa Senhora da guia. Queimadas, 2010.